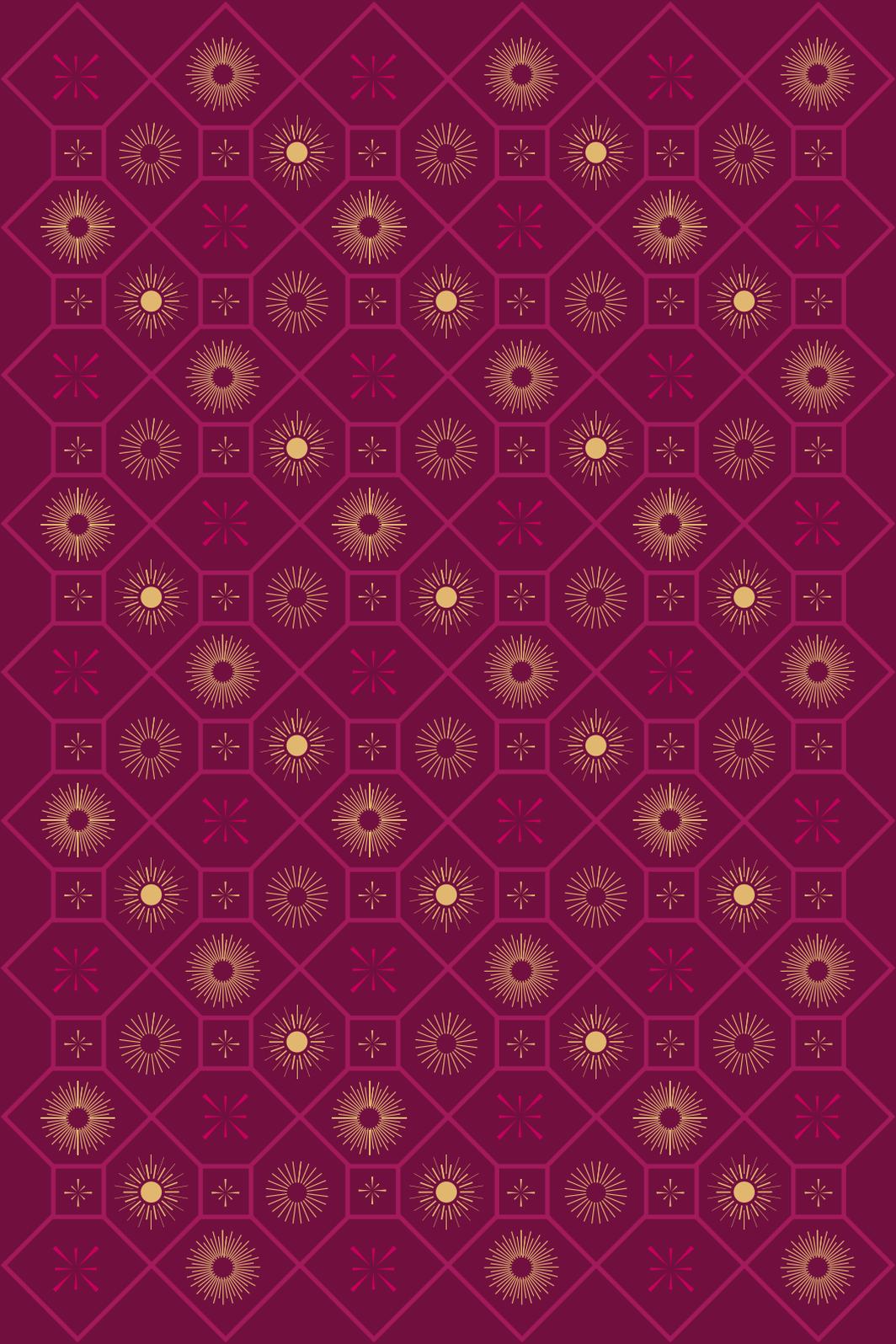




Cristo

oferece atualmente
as Missas de cada dia?





CHRISTO NIHIL PRÆPONERE

"A nada dar mais valor do que a Cristo"

“Cristo está sempre vivo para interceder por nós”

– HEBREUS 7, 25

*“Quando vires o sacerdote oferecer,
não consideres que é ele quem o faz,
mas vê ali a mão de Cristo invisivelmente estendida”*

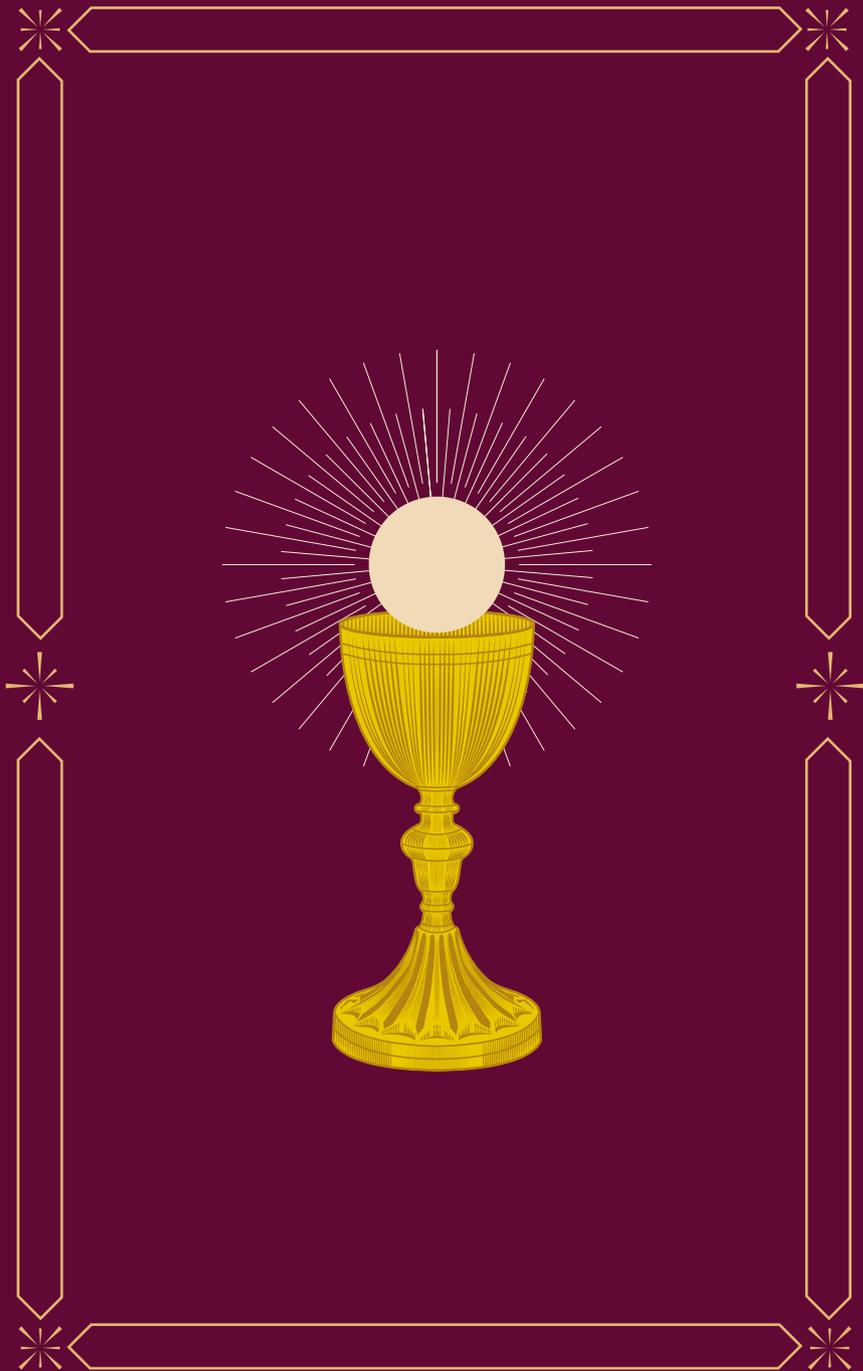
– SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

*“Quem agora se oferece pelo ministério dos sacerdotes
é o mesmo que então se ofereceu na cruz”*

– CONCÍLIO DE TRENTO

*“Cristo sacerdote ofereceu-se como vítima pelos
pecados e continua a oferecer-se perpetuamente”*

– PAPA PIO XI



SE CRISTO OFERECE NÃO SÓ VIRTUAL MAS ATUALMENTE AS MISSAS CELEBRADAS TODOS OS DIAS

Pe. Reginald Garrigou-Lagrange, O.P.,

De Eucharistia et Poenitentia, II 2, a. 4

I. Estado da questão. — Nos últimos anos levantou-se novamente uma questão já examinada pelos escolásticos, a saber: se e como Cristo oferece as Missas celebradas diariamente.

Essa questão referente ao sacrifício da Missa é de grande importância, pois no sacrifício em geral¹ a oblação interior, expressa pela imolação externa da vítima, é a parte principal do sacrifício, ou seja, é nela que se funda seu valor religioso e seu realismo. De fato, o sacrifício exterior pertence ao gênero do *signal*, enquanto a oblação interior unida à ado-

¹ A expressão “sacrifício em geral” (*in genere*) é usada para indicar que se trata do sacrifício propriamente dito, e não de qualquer oferecimento feito a Deus, como é o caso das súplicas; e que o sacrifício compreende em si, como partes integrantes, a imolação exterior (*in genere signi*) e a oblação interior (*in genere actionis moralis*). (N. T.)

ração reparadora e à oração é a *coisa* significada, e sem ela o que se faz exteriormente seria um ato sem valor, como o sacrifício de Caim ou um rito farisaico.

Ademais, quando se trata do sacrifício da Missa, a oblação interior do oferente principal, sensivelmente expressa nas palavras da consagração e na imolação sacramental do corpo de Cristo, vale mais que a oblação interior do ministro celebrante e do próprio povo assistente. Por isso, a questão versa sobre o ato interior de Cristo-homem, que é *como que a alma do sacrifício da Missa*. Daí se vê a enorme importância da questão.

Com efeito, todos os teólogos católicos sempre sustentaram e sustentam que Cristo é o *oferente principal*, ao menos por ter instituído o sacrifício da Missa e mandado realizá-lo e oferecê-lo em seu nome. Isso certamente é *de fé*; está aliás explicitamente consignado na Sagrada Escritura e na Tradição e expresso nos Concílios, especialmente no Concílio de Trento, que o compara com o sacrifício da cruz: “Pois uma só e mesma é a vítima, pois *quem agora se oferece* pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz; só o modo de oferecer é diverso” (D 940).

Daí que Cristo seja pelo menos o sacerdote principal do sacrifício da Missa, na medida em que o instituiu e porque a Missa é oferecida agora moralmente pelo celebrante *em seu nome*. Assim, *ao menos virtualmente*, Cristo oferece as Missas celebradas diariamente. Isso é admitido por todos os teólogos, sem qualquer discussão.

Quando, porém, se levantou a questão “Cristo oferece não só virtual mas *atualmente*² as Missas celebradas todos os dias”, Duns Escoto, Gabriel

² “*Actualiter*”, isto é, em ato. (N.T.)

Biel, muitos nominalistas e, mais tarde, Vásquez responderam negativamente, e em tempos recentes seus argumentos foram repropostos diversas vezes.

Para esses autores, Cristo é o oferente principal pelo fato de ter instituído esse sacrifício e mandado oferecer em seu nome, mas negam que ele o ofereça agora atualmente. Neste sentido, não seria Cristo, mas a própria Igreja que *agora* ofereceria a Missa, a qual parece, por conseguinte, ser antes um sacrifício eclesiástico que o sacrifício de Cristo.

II. Objeções. — Quais são as principais razões destes teólogos?

Obj. 1. Dizem: Cristo, agora no céu, não ora própria nem atualmente, mas só virtual e interpretativamente, manifestando ao Pai suas chagas e rerepresentando os méritos pretéritos de sua paixão e suas orações passadas. Vásquez insiste nisso e conclui: logo, Cristo também não oferece atualmente o sacrifício da Missa nem roga para que seja aceito pelo Pai.

Obj. 2. Acrescentam estes teólogos: Não se devem *multiplicar* os atos de oblação na mente de Cristo glorioso, que se ofereceu *uma só vez*. Ao que já se respondeu muitas vezes: Cristo pode oferecer atualmente as Missas diárias sem multiplicação de atos; para isso, basta que perdue em sua mente a oblação interior, como perduram nele a visão beatífica, o amor subsequente, a adoração e a ação de graças.

Obj. 3. Além disso, foi dito recentemente: Se Cristo oferecesse atualmente as Missas diárias, este ato permanente de oblação *não estaria subordinado a*, mas *coordenado com* a oblação do sacrifício da cruz, na qual portanto não teria sido consumada a obra de nossa redenção, contra as palavras mesmas de Cristo antes de morrer: *Tudo está consumado*.

Isso seria assim, de fato, se em Cristo surgisse agora um novo mérito; mas não se a oblação interior permanece nele para a aplicação dos méritos pretéritos da paixão.

Obj. 4. Nos últimos anos chegou-se inclusive a escrever: “Cristo, enquanto homem, sentado agora à direita do Pai, não o adora *atual e propriamente*, senão que é apenas adorado”. No entanto, se assim fosse, Cristo tampouco o adoraria na Eucaristia, na qual vive como no céu.

Note-se por último que estes teólogos negam o *valor infinito* da Missa por parte do oferente; só admitem este valor por parte da vítima oferecida.

III. Resposta. — A) TESE. Não obstante, consideramos de longe mais acertada e comum a sentença contrária, segundo a qual Cristo, enquanto homem, é também *atualmente* o sacerdote principal do sacrifício da Missa, pois conhece atualmente todos e cada um dos sacrifícios eucarísticos, atualmente os quer e oferece e concorre instrumentalmente para todas e cada uma das transubstanciações. Mais ainda: já na terra, Cristo, pela visão beatífica, e também de outro modo, pela ciência infusa, previu todos e cada um dos sacrifícios da Missa que por seus ministros seriam oferecidos até o fim do mundo; e ainda na terra os quis e ofereceu ao seu Pai. Ora, esta volição e oblação, assim como a visão e o amor beatíficos, perduram nele sem interrupção, portanto sem multiplicação de atos; e agora perduram sem nenhuma dor e nenhum mérito, porque Cristo não é mais viador, mas somente compreensor.³

3 Chama-se viador (do latim *viator*) à criatura racional, seja homem ou anjo, enquanto tende à bem-aventurança e, portanto, encontra-se ainda a caminho do céu, em estado de prova; compreensor (do latim *comprehensor*), por sua vez, é o nome que se dá à criatura racional que já entrou na posse da bem-aventurança, como os anjos e santos do céu (cf. S. Tomás de Aquino, *STh* III 15, 10c.). (N.T.)

Esta sentença, a mais comum, é ensinada por muitos como certa e defendida pela maioria dos tomistas, especialmente por Caetano, João de Santo Tomás, os Salmanticenses, Gonet, os carmelitas Gabriel e Francisco, Suárez, Belarmino, Coninck, Castro Palao, Tannero, Miranda, Molina cartuxo, além da escola chamada gálica, a saber: por Bérulle, Condren, Olier, Thomassin, Bossuet; recentemente foi defendida por M. Lepin, Grimal, Hervé, Michel, G. Petazzi, SJ, e muitos outros. Leander (VIII 1, q. 28) chamou a esta sentença *certíssima*.

Menos explicitamente, mas verdadeiramente quanto à substância, se encontra esta doutrina também em Santo Tomás, como ficará claro em seguida; na verdade, ela parece apenas preservar o sentido pleno da expressão do Concílio de Trento: “Pois quem agora se oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz”, isto é, o mesmo que agora se oferece *atualmente*; assim o entendeu a grande maioria dos Padres do Concílio de Trento. Recentemente, Pio XI, na Encíclica “*Quas Primas*”, sobre Cristo Rei, escreveu: “Cristo sacerdote ofereceu-se como vítima pelos pecados e continua a oferecer-se perpetuamente” (D 1295).

B) ARGUMENTOS. Para provar esta sentença, a mais comum e de longe a mais certa, apresentarei dois argumentos principais que estão quase explícitos em Santo Tomás; depois, examinaremos brevemente as razões dos adversários; por fim, veremos as consequências desta sentença mais comum com respeito [...] à vida espiritual e à união do celebrante e dos fiéis com Cristo, sacerdote principal *atualmente* oferente.

Arg. 1. O primeiro argumento fundamental, que se encontra em parte na Sagrada Escritura, em parte na Tradição como um todo, pode sintetizar-se assim:

Cristo está sempre vivo para interceder por nós (como se diz em *Hb 7,25*, e em *Rm 8,34*); e, como é comumente ensinado pelos Santos Padres, é o sacerdote principal do sacrifício da Missa e de cada Missa em particular.

Ele porém exerceu este *sacerdócio principal* não só no passado, quando instituiu a Missa, senão que, como *sacerdote eternamente segundo a ordem de Melchisedec*, *sempre vivo para interceder por nós*, também o exerce atualmente, o que não pode dar-se a menos que ele atualmente queira e ofereça cada Missa; não pode, com efeito, deixar perpetuamente seu múnus de oferente principal.

Este argumento, como se vê, apoia-se na interpretação tradicional das palavras de *Hb 7,25*: *Cristo está sempre vivo para interceder por nós*, e de *Rm 8,34*: *Cristo morreu... ressuscitou, e também intercede por nós*.

À luz destas palavras da Sagrada Escritura, diz S. IRINEU: “Por Jesus Cristo, a Igreja oferece”; S. CIPRIANO: “O sacerdote, no altar, faz as vezes de Cristo e oferece um verdadeiro e pleno sacrifício a Deus Pai”.

S. JOÃO CRISÓSTOMO: “O que naquela ceia confeccionou [este sacramento], ele mesmo opera ainda agora”, e noutro lugar: “Quando vires o sacerdote oferecer, não consideres que é ele quem o faz, mas vê ali a mão de Cristo invisivelmente estendida”. Para S. JOÃO CRISÓSTOMO, se Cristo se nos entrega *atualmente* na comunhão, também *atualmente* se oferece ao Pai na consagração.

Diz: “Quando vês o Senhor imolado e jacente, o sumo sacerdote voltado para o sacrifício e a suplicar, e todos tingidos com aquele precioso sangue, acaso pensas estar ainda com os homens na terra, ou não te consideras, antes, transportado aos céus?” (*De sacerdotio* III 4; cf. *Journal* 1118). — “A oblação é a mesma, quem quer que a ofereça, seja Paulo,

seja Pedro; é a mesma que Cristo deu aos discípulos e que agora os sacerdotes fazem... Assim, pois, como as palavras ditas por Deus são as mesmas ditas agora pelo sacerdote, assim a própria oblação é a mesma... Quem porém pensa que este é menor do que aquele, não sabe que Cristo ainda agora está presente e opera” (*In ep. II ad Timoth.*, hom. II 4; *Journal* 1207).

S. GREGÓRIO DE NISSA: “Cristo se oferece por nós como hóstia, e imola a vítima, sendo a um tempo sacerdote e o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (*In Christi resurr.* 1; *Journal*, 1063).

S. AMBRÓSIO: “Aquele cuja palavra santifica o sacrifício que é oferecido é o mesmo que oferece em nós. E ele mesmo assiste como advogado a nosso favor junto do Pai; mas agora não o vemos; nós então o veremos, quando a imagem passar e a verdade vier. Sobretudo pois ao céu... verás o eterno e perpétuo sacerdote”; “Cristo, enquanto sacerdote, se oferece a si mesmo para perdoar nossos pecados: aqui em imagem, lá em verdade, onde intervém por nós ao Pai como advogado”; e noutro lugar: “Sempre defende nossas causas perante o Pai o Cristo ressuscitado, cujo pedido não pode ser desprezado, porque está à direita de Deus”.

S. AGOSTINHO: “Por isto [Cristo] é também sacerdote, ele mesmo o oferente, ele mesmo a oblação, e quis que o sacramento desta realidade fosse o sacrifício cotidiano da Igreja”.

E ainda mais explicitamente S. AGOSTINHO diz no *Comentário ao Salmo 85*: “Nosso próprio e único Salvador ora por nós, ora em nós e é orado por nós. Ora por nós como nosso sacerdote; ora em nós como nossa cabeça; é orado por nós como nosso Deus”.

Também S. GREGÓRIO MAGNO: “Todos os dias Cristo ora pela Igreja, como atesta o Apóstolo Paulo em *Hb* 7,25”.

Assim também, entre os escolásticos, S. ALBERTO MAGNO. O próprio S. Tomás diz em *STh* III 83, 1 ad 3: “[Na Missa], o sacerdote reveste-se da imagem de Cristo, em cuja pessoa e por cujo poder pronuncia as palavras para consagrar (cf. 82, aa. 1.3). E assim, de algum modo, [também na Missa] é o mesmo o sacerdote e a vítima”, ou seja, é o mesmo o sacerdote principal e a vítima.

Que Cristo agora interceda *atualmente* como sacerdote principal, S. Tomás o diz explicitamente em seu comentário a *Hb* 7,25: “Cristo está sempre vivo para interceder por nós: primeiro, representando sua humanidade, que ele assumiu por nós; também exprimindo o desejo que sua alma santíssima teve da nossa salvação, com o qual intercede por nós”.

Igualmente, em seu comentário a *Rm* 8,34, o santo Doutor diz: “O qual também intercede por nós como nosso advogado, como diz *1Jo* 2,1: *Temos junto ao Pai um advogado, Jesus Cristo*. Diz-se que ele intercede por nós duplamente: de um modo, orando por nós... agora porém sua intercessão por nós consiste em querer nossa salvação (*Jo* 17,24): *Quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo*; de outro modo, intercede por nós apresentando ao Pai a humanidade por nós assumida e os mistérios nela celebrados”. No comentário a *Hb* 9,11, acerca destas palavras *Cristo é pontífice dos bens futuros*, diz: “Ele mesmo, enquanto Mediador, está junto do Pai para interceder por nós [...] e também está junto de nós para nos auxiliar”.

Ademais, em *STh* II-II 83, 11, respondendo à pergunta *Se os santos que estão no céu oram por nós*, diz: “Como a oração feita pelos outros provém da

caridade, quanto mais perfeitos na caridade são os santos que estão na pátria, tanto mais oram pelos viadores, que podem ser ajudados por orações; e quanto mais unidos estão a Deus, tanto mais eficazes são suas orações. Com efeito, é próprio da ordem divina [dispensar bens] aos inferiores pela excelência dos superiores, assim como a claridade do sol difunde-se pelo ar. Donde, diz-se de Cristo em *Hb 7,25*: *Ele está sempre vivo para interceder por nós*”.

Se nas ladainhas não se diz: *Cristo, rogai por nós*, mas *Cristo, ouvi-nos* ou *Cristo, tende piedade de nós*, isto é assim “porque a palavra ‘Cristo’ supõe a hipóstase eterna, à qual não compete orar mas ajudar, e nisto também evitamos a heresia de Ário e Nestório”. Assim diz S. Tomás em *IV Sent.* d. 15, q. 4, a. 6, qc. 2 ad 1. Isto é: Cristo, enquanto Deus, nos ouve; mas, enquanto homem, intercede por nós.

Resta que, como notam Gonet, os Salmanticenses, Suárez, Tolet, Estius, J. Vosté, segundo S. Tomás, Cristo ainda agora, estando no céu, ora verdadeira e propriamente, pedindo por nós benefícios divinos, e exerce atualmente a virtude da religião, como sumo sacerdote eternamente.

É verdade que Cristo não suplica mais com lágrimas e dor nem merece mais; porém ele ora, com oração de intercessão, a fim de que sua satisfação e méritos pretéritos sejam aplicados a nós no tempo oportuno (*v.gr.*, na hora da morte). Na verdade, a intercessão dele tem algo de especialíssimo quanto à eficácia, porque já mereceu, e *de condigno*, tudo o que absolutamente e não só condicionalmente pede por nós, e tudo o que por ele obtemos e havemos de obter.

Assim, segundo S. Tomás e muitos teólogos, Cristo exerce *atualmente* seu sacerdócio principal na Missa. Inclusive, o santo Doutor distingue

acertadamente em *STh* (cf. III 82, aa. 1.3) as orações que o celebrante diz em nome próprio (como o *Confiteor*) das orações por ele ditas em nome da Igreja (como os vários *Oremos*) e das palavras da consagração, proferidas propriamente *em nome de Cristo*. Com efeito, o sacerdote não diz: “Eu consagro em nome de Cristo” assim como diz: “Eu te batizo” e “Eu te absolvo”, senão que o celebrante profere as palavras mesmas de Cristo: *Isto é o meu Corpo*; e as profere não só recitativa mas praticamente, com o fim de produzir, aqui e agora, a transubstanciação propriíssimamente em nome de Cristo.

Daí não ser apenas a Igreja a que atualmente oferece Missa, mas também o próprio Cristo como sacerdote principal. Eis por que disse o Concílio de Trento: “Pois quem agora se oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que então se ofereceu na cruz”, ou seja, é o mesmo que agora se oferece atualmente, pois ele não exerceu seu sacerdócio principal somente no passado, quando instituiu a Missa, senão que continua a exercê-lo agora atualmente. Este é o primeiro e fundamental argumento em favor desta sentença.

Arg. 2. O segundo argumento toma-se em parte do que foi dito explicitamente por S. Tomás. Com efeito, é certo para ele e muitos teólogos que *a humanidade de Cristo é instrumento conjunto da divindade* e concorre, como órgão principal dela, para *todos os efeitos sobrenaturais e milagrosos* produzidos por outros instrumentos subordinados.⁴

⁴ No gênero da causalidade eficiente, a chamada causa instrumental caracteriza-se por ser uma causa segunda *per se*, isto é, que produz seu efeito diretamente e por virtude própria, embora dependa *in causando* da intervenção da causa principal a que está subordinada. Ora, as causas instrumentais dividem-se em separadas e unidas. Como exemplo das primeiras, pode citar-se o serrote em relação à mão; como exemplo das segundas, a mão em relação à pessoa. Evidentemente, muito mais que as unidas, as causas instrumentais separadas, embora tenham ação própria, não podem reduzir-se a ato senão

Neste sentido, enquanto homem, Cristo concorre também instrumentalmente para *todas e cada uma das transubstanciações* que acontecem na celebração diária de cada Missa, por serem elas obra sobrenatural e milagre oculto.⁵

Cristo, porém, concorre certamente para elas como *instrumento autoconsciente, por inteligência e vontade*. Logo, ele quer concorrer atualmente para todas essas transubstanciações e para cada uma delas em particular. Assim, quer *atualmente* oferecer todos e cada um dos sacrifícios em que são produzidas tais transubstanciações.

O fundamento deste argumento está explícito em S. Tomás, *STh* III 62, 5: “A causa eficiente principal da graça (e dos efeitos sobrenaturais) é Deus, por referência ao qual a humanidade de Cristo é instrumento conjunto e o sacramento, instrumento separado”. Esta doutrina é admitida não só por todos os tomistas como por muitos outros teólogos, como Salmerón, Vega, Valencia, Suárez, Tannerus e também, a seu modo, por Billot, Hervé, Michel etc., embora a neguem Escoto e Vásquez.

em dependência da causa principal e sob o influxo dela (*v.gr.*, o serrote, por sua própria forma, tem potência para serrar, mas não pode fazê-lo sem um carpinteiro), tendo na produção do efeito uma participação menor que a desta. Ora, a humanidade de Cristo é instrumento unido à hipóstase do Verbo, como uma mão ao corpo, ao passo que os sacramentos são instrumentos separados, como as ferramentas de um carpinteiro. Logo, na produção da graça e de outros efeitos sobrenaturais, como *v.gr.* a transubstanciação, os sacramentos operam sempre em dependência e sob o influxo do Verbo encarnado, o que supõe a participação real e atual dele também no oferecimento do santo sacrifício. (N.T.)

5 Em sentido estrito, entende-se por milagre qualquer obra sensível produzida por Deus que supere toda a ordem natural criada. Se não fosse sensível, não poderia ser conhecido pelos homens nem, por consequência, causar neles admiração (*miraculum* vem de *miror, -ari* = admirar). Neste sentido preciso, a transubstanciação não é milagre, por faltar-lhe a primeira nota (ser perceptível aos sentidos), ainda que possua as outras duas (ser produzido por Deus acima da ordem natural). (N.T.)

É certo que Cristo é *instrumento autoconsciente e quer concorrer* para os efeitos que instrumentalmente produz. Ora, se ele não interviesse *atualmente* na consagração eucarística, o celebrante seria instrumento imediato de Deus, de modo que Cristo *não exerceria atualmente sua mediação universal na Missa, isto é, no ato mais sublime do culto cristão.*

Estes dois argumentos são não só muito prováveis mas certos, ao menos extrinsecamente,⁶ por força dos princípios em que se fundam, conquanto alguns tenham duvidado da certeza deles.

Logo, enquanto sacerdote principal do sacrifício da Missa, Cristo não só o oferece *virtualmente*, por tê-lo instituído no passado, senão que oferece agora *atualmente* todas e cada uma das Missas, nelas atuando não só moral mas física e instrumentalmente, na qualidade de instrumento inteligente e livre; e, muito melhor que o celebrante, Cristo quer *atualmente* cada Missa, sem qualquer distração, não com ato remisso, mas com um ato perfeitíssimo, que perdura continuamente sem interrupção.

Às vezes, um rei não quer *atualmente* o que é expresso por um seu legado; mas não é assim com Cristo glorioso, cuja intenção não é interrompida pelo sono, pela distração ou por qualquer outra causa. O celebrante às vezes, no momento da consagração, por conta de alguma distração, tem apenas intenção *virtual* de consagrar; ora, se isto acontecesse em Cristo, sacerdote principal, não haveria qualquer oblação interior *em ato*. Mas, pelo contrário, em Cristo a oblação interior permanece sempre *em ato*, assim como sua visão beatífica, seu amor a Deus e às almas, sua adoração

6 No original, lê-se *ex se*. A expressão significa que o argumento é certo na medida em que a maioria dos teólogos considera certos os princípios que o fundamentam. Com isso, o autor assinala que, se não se reconhece a verdade desta doutrina em si mesma (*in se*), quanto à validade da consequência, deve-se ao menos reconhecer-lhe um valor extrínseco (*ex se*), em razão dos princípios em que se fundamenta, admitidos por grande parte da Escola. (N.T.)

e ação de graças. Desse modo, enquanto homem, Cristo vê no Verbo e quer todos os efeitos que de fato são produzidos em cada Missa, seja no celebrante, seja nos fiéis presentes, seja nos fiéis distantes, seja enfim nas almas do purgatório. Outrossim, ele conhece perfeita e claramente e quer todos os efeitos da Missa referentes à adoração e à glorificação de Deus. Assim, conhece perfeitamente *em ato* e quer o valor, a irradiação e a fecundidade de cada Missa, como convém ao sumo e principal sacerdote.

As razões dos adversários são facilmente refutadas

Ad 1. Disto não se segue que a intercessão e a oblação interior de Cristo sejam agora *meritórias*. É certo que os santos no céu oram por nós, mas não merecem mais porque não são mais viadores, senão que chegaram ao término do caminho. Ora, a impetração não se limita ao estado de viador: com efeito, assim como pode dar-se no pecador, que ainda é capaz de merecer, também pode subsistir no bem-aventurado para além dos méritos [já alcançados]. Neste sentido, Cristo intercede para nos aplicar seus méritos pretéritos no momento oportuno.

Ad 2. Nem se segue, de modo algum, que os atos internos de oblação devam ser *multiplicados* em Cristo glorioso, senão que perdura seu ato único de oblação, sem interrupção e reiteração. Estes atos, assim como a visão e o amor beatíficos de Cristo, não são mensurados pelo tempo [físico] do sol, nem pelo tempo discreto com que são medidas as intelectões sucessivas dos anjos,⁷ mas por *eternidade participada*; pois neste ato interior de oblação permanente não há ino-

7 Ou seja, pela eviternidade, correspondente ao modo de duração da substância angélica, a qual, não tendo matéria em sua composição, não experimenta outro tipo de mudança além da sucessão de atos intelectivos e volitivos diversos. (N.T.)

vação nem sucessão: Cristo com efeito, sem mudança em si mesmo, vê no Verbo todas as coisas que se dão sucessivamente no tempo.⁸

Ad 3. Tampouco se deve dizer que esta oblação atual que assim perdura não estaria *subordinada* à oblação do sacrifício da cruz, mas *coordenada* com ela. Está-lhe sim subordinada, na medida em que nesta oblação *atual* não há novo mérito nem nova satisfação, senão que, por meio dela, nos são aplicados a satisfação pretérita da cruz e os méritos pretéritos da paixão.

Ad 4. Por último, não se pode dizer que Cristo, enquanto homem, pelo fato de estar agora sentado à direita do Pai, não o *adore* mais. É certo que a virtude infusa da religião e o dom de piedade são nele exercidos pela adoração e pela ação de graças, assim como pela intercessão; além disso, ele o adora na Eucaristia, como diz a sentença comum. S. Tomás, no comentário a *Hb* 7,25, diz acerca de Cristo sentado à direita do Pai: “Embora seja tão poderoso, tão sublime, é no entanto piedoso com isto, porque intercede por nós”.

IV. Conclusão. — Portanto, não parece ser apenas probabilíssima esta sentença mais comum, segundo a qual toda Missa possui valor infinito não só por parte da vítima que é oferecida, mas também por parte do oferente principal; e por isso, uma Missa oferecida por mil pessoas aproveita igualmente a cada uma, segundo a devoção delas, como se

⁸ O que é mensurado no estado de *eternidade participada* teve começo, como a visão beatífica, e teoricamente poderia ter fim, como aconteceria se alguém experimentasse a visão beatífica apenas por um momento; porém, pelo tempo em que ela durasse, transcorreria sem sucessão intrínseca. Deste modo permanece a intercessão na mente de Cristo glorioso até o dia do juízo, quando então ela cessará porque já não haverá qualquer coisa a ser pedida; contudo, permanecerão nele e nos bem-aventurados a adoração e a ação de graças.

fosse celebrada por uma só. Isto porém é negado pelos que afirmam que a Missa é oferecida por Cristo apenas *virtualmente* no sentido de a ter instituído no passado.

Consequências espirituais

As consequências desta doutrina na ordem espiritual são várias e de grande importância. Indicaremos somente as principais para o celebrante e para os fiéis.

A) PARA O CELEBRANTE. Segue-se que o celebrante deve aspirar a uma *união cada vez mais atual e íntima com Cristo*, porquanto Cristo não só instituiu outrora a Missa, mas oferece agora cada uma delas *atualmente* e de modo perfeitíssimo, com suma contemplação, ardentíssima caridade e perfeitíssima religião e piedade.

O celebrante participa assim mais intimamente do supremo sacerdócio de Cristo. Deve ter em mente que, se Cristo não sofre nem merece mais, sempre adora *atualmente* o Pai com um ato teândrico de valor infinito, sempre intercede por nós como nosso advogado, sempre dá graças e oferece *atualmente* nossas adorações, súplicas, reparações, ações de graças, assim como as de todos os fiéis. Com isso, o celebrante também é levado a pensar que Cristo não é somente sacerdote, mas vítima, porque no passado sofreu maximamente, e agora oferece ao Pai nossas dores, para que tenham mais valor em ordem à salvação das almas.

Se, no momento da consagração, o celebrante estiver um pouco distraído em razão de algum detalhe que pode faltar no rito, é mais do que certo que o sacerdote principal, Cristo mesmo, não está distraído, mas no Verbo vê e quer esta consagração, seu valor e sua eficácia. Na verdade, ele já via

tudo isso no Verbo, quando ainda estava na terra. Diz S. Tomás no tratado da encarnação (*STh* III 10, 2): “Nenhum intelecto bem-aventurado deixa de conhecer no Verbo todas as coisas que lhe dizem respeito. Ora, de algum modo todas as coisas dizem respeito a Cristo e à sua dignidade, pois tudo lhe fora submetido; ademais, ele é o juiz de todas as coisas. Por isso a alma de Cristo conhece no Verbo tudo quanto existe”, mesmo os segredos dos corações, pois ele é “juiz dos vivos e dos mortos”. Se isto era verdade para Cristo durante sua vida terrestre, o é muito mais agora no céu, *no nunc stans*⁹ da imóvel eternidade. Cristo, enquanto homem, vê clarissimamente no Verbo todo o mistério da Missa, de cada Missa, e quer e *atualmente* produz todos os seus efeitos. Eis o que o celebrante deve considerar.

B) PARA OS FIÉIS, as consequências desta doutrina são igualmente evidentes. Os fiéis hão de considerar que o celebrante é apenas ministro de Cristo, e devem *prestar maior atenção ao sacerdote principal, que está oferecendo atualmente*. Desse modo conhecerão cada vez melhor o *valor infinito da Missa*, não apenas por parte da vítima oferecida, mas especialmente por parte do oferente principal. Quando a bem-aventurada Virgem Maria oferecia seu Filho na cruz, esta oblação era de *valor objetivamente infinito* por parte da vítima oferecida, *mas não subjetivamente* por parte da bem-aventurada Virgem Maria enquanto oferente; dá-se porém o contrário quando se trata da própria oblação de Cristo, a qual é um ato teândrico.

Assim, os fiéis compreenderão melhor que o sacrifício da Missa e o da cruz são *iguais quanto à substância*, embora difiram *quanto ao modo* de

9 A eternidade, modo de duração do ser divino e, por conseguinte, idêntico *in re* com a própria substância de Deus, pode ser comparada a um instante sem termos, no qual se concentra em plena atualidade toda a vida divina. É, por assim dizer, um agora sem sucessão ou fraturas de qualquer espécie. (NT.)

oblação, que no passado foi cruento, doloroso e meritório, e agora é incruento, sacramental, não mais doloroso nem meritório, mas aplica-nos *ex opere operato* a satisfação e os méritos da paixão e produz copiosos frutos em nossas almas, segundo a medida de nossas disposições.

Não admira, pois, que muitos santos, assistindo ao sacrifício da Missa, não vissem mais o celebrante no momento da consagração e da elevação, mas o próprio Cristo, sacerdote principal, a oferecer-se *atualmente* a si mesmo.

